

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

ARTHUR CAMARGO FRÊDO

**Do cotidiano registrado nas crônicas ao dia a dia docente:
potencialidades das crônicas de Lima Barreto e da revista *Careta* no ensino de História**

Uberlândia

2023

ARTHUR CAMARGO FRÊDO

**Do cotidiano registrado nas crônicas ao dia a dia docente:
potencialidades das crônicas de Lima Barreto e da revista *Careta* no ensino de História**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Magalhães da Silveira.

**Uberlândia
2023**

ARTHUR CAMARGO FRÊDO

**Do cotidiano registrado nas crônicas ao dia a dia docente:
potencialidades das crônicas de Lima Barreto e da revista *Careta* no ensino de História**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
ao Instituto de História da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado em História.

Uberlândia, 12 de junho de 2023

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a Daniela Magalhães da Silveira (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Nara Rúbia de Carvalho Cunha
Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Sergio Paulo Morais
Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

O presente artigo busca investigar a potencialidade das crônicas de Lima Barreto, publicadas entre os anos de 1920 e 1922 na revista *Careta*, para o entendimento do processo de modernização da sociedade carioca ocorrido no início do século XX. Soma-se a isso o objetivo de entender de quais formas as fontes literária e impressa podem contribuir para um Ensino de História alternativo ao tradicional. Nesse percurso, foram estudados a materialidade do periódico, a trajetória do autor e o contexto em que ambos estavam inseridos. Em seguida, propõe-se a utilização de uma crônica de Lima Barreto e a respectiva edição da *Careta* em que foi publicada para as aulas de História. Conclui-se que o crítico relato elaborado por Lima Barreto através de suas variadas crônicas, bem como os aspectos característicos da revista *Careta*, são bastante ricos para a construção de um Ensino de História que se pretende mais interativo, complexo e diversificado.

Palavras-chave: Ensino de História; Literatura; Imprensa; Lima Barreto.

“A leitura dos jornaes é sempre utilíssima, como já disse o outro...”

A epígrafe escolhida para abrir este artigo compõe uma crônica publicada na edição 665 da revista *Careta*, intitulada “Leitura de Jornaes” (*Careta*, 19 de março de 1921, p.38)¹. Ao final do texto encontra-se grafada a assinatura “L.B.”, o que indica se tratar de uma crônica produzida por Lima Barreto (1881-1922)². Nela, o autor discorre, de maneira crítica, sobre as escolhas feitas pela administração pública no trato com a cidade do Rio de Janeiro – então capital federal –, em especial à prioridade dada pela prefeitura no “embelezamento” de certas regiões do espaço urbano em detrimento de outras. Mas, afinal, qual seria a utilidade da leitura dos jornais de que fala Lima Barreto? E por qual razão foi escolhida uma crônica do literato carioca para abrir o presente artigo?

Em síntese, a pesquisa que originou neste artigo partiu de um interesse que desenvolvi ao longo da graduação. Embalado pelas discussões realizadas no Grupo de Estudos Literatura e Imprensa no Brasil, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Daniela Magalhães da Silveira (INHIS-UFU), quis entender como os moradores da cidade do Rio de Janeiro vivenciaram as transformações provocadas com os projetos de reforma urbana ocorridos no município. Partindo desse ponto e levando em consideração o escopo do grupo – qual seja, o estudo através da imprensa e da literatura –, iniciaram-se as buscas por fontes que dessem conta dessa questão-problema. E, junto a isso, foi definido o recorte temporal que guiaria a investigação.

Minha inquietação inicial não era entender as reformas em si. O interesse repousava mais em uma possível leitura crítica desse processo histórico. Por que reformar/modernizar/urbanizar a cidade? Quem estava interessado nesses projetos? Quais interesses e disputas estavam em jogo? Havia alguma região da cidade que fora privilegiada nesse processo? Como as “pessoas comuns” da cidade do Rio de Janeiro viveram essas transformações? Chegamos, assim, ao nome de Lima Barreto. E isso se justifica por alguns motivos. Em primeiro lugar, pela conexão entre a vida e a obra do autor com o tempo histórico que me interessava.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 1881 no Rio de Janeiro, cidade que marca, também, seu falecimento no ano de 1922. Filho mais velho do casal formado por João

¹ Todos os volumes da *Careta* estudados estão disponíveis no acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 7 de abril de 2023.

Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Pereira de Carvalho, o primogênito enfrentou dificuldades financeiras desde pequeno. A história da família Lima Barreto é marcada por mudanças constantes de endereço, traço que acompanha tanto a vida, como a obra de Lima. Sua estreia como escritor ocorre em periódicos estudantis. A produção de Lima é marcada por uma observação atenta dos movimentos da cidade; afinal, ele próprio vivenciava o cotidiano carioca entre a residência no subúrbio – nessa altura, no bairro de Todos os Santos – e a vida urbana do centro do Rio. Sua observação, entretanto, não é neutra. Pelo contrário, Lima Barreto criticou vigorosamente as reformas urbanas empreendidas naquele contexto, utilizando do espaço de destaque que gozava na imprensa para tecer duras críticas à prefeitura carioca³.

É difícil definir, de maneira certa, quando ocorre o início das reformas urbanas no Rio de Janeiro – afinal, estamos falando de um processo histórico. Se por um lado as gestões do presidente Rodrigues Alves (1902-1906) e dos prefeitos Francisco Pereira Passos (1892-1906) e Carlos Sampaio (1920-1922) investem pesado nas reformas, por outro, é possível sugerir que as mudanças no trato com a cidade já estavam em desenvolvimento mesmo antes do século XX.

Nesse sentido, ao analisar a invenção do bairro de Copacabana, Julia O'Donnell sugere que os movimentos de intervenção no espaço urbano do Rio de Janeiro davam sinais já no final do século XIX⁴. Segundo a autora, “objetivo ou imaginado, o agravamento das condições sanitárias que marcou a década de 1890 levava à progressiva certeza da necessidade de uma profunda e urgente remodelação da cidade” (O'DONELL, 2011, p.23). Aqui há um fator

³ Sobre esse percurso de Lima como sujeito histórico e como escritor, conferir a obra *Lima Barreto: triste visionário*, de Lilia Moritz Schwarcz (SCHWARCZ, 2017).

⁴ Ao analisar a ampliação da malha de bondes e trens na cidade do Rio – vistos, àquela altura, como sinônimos de desenvolvimento e progresso – Julia O'Donnell argumenta que o “caso específico da zona sul, para onde se dirigiam os dez bondes especiais, é bastante sintomático. Intimamente ligada à atuação da Companhia Jardim Botânico, a urbanização daquela região da cidade contou, em 1871, com o prolongamento do tráfego até o Largo das Três Vendas (atual praça Santos Dumont), no então quase desabitado Jardim Botânico (facilitando o acesso ao então já aristocrático bairro de Botafogo) e, um ano mais tarde, com a inauguração do ramal da Gávea (transformada em Freguesia em 1873). Com os olhos fortemente voltados ao lucro imobiliário, a Companhia Jardim Botânico associou-se, desde o início da abertura dos trilhos rumo ao sul da cidade, a grandes incorporadores, proprietários de terras e companhias de serviços públicos (especialmente aquelas responsáveis pela implantação e fornecimento de gás, água potável e sistema de esgoto). Cumpre ressaltar, ainda, o papel fundamental do Estado, cujo interesse na ampliação de zonas (salubrementemente) habitadas se refletia no incentivo a tais investimentos, [...]” (O'DONELL, 2011, p.27).

importante que contribui e impulsiona o desenvolvimento das reformas: a questão do sanitarismo⁵.

Esse é um dos elementos que compunha o discurso que apostava na necessidade urgente de modernizar a cidade. Inclusive, além de reformar o espaço público da cidade, houve um massivo ataque ao local privado de moradia de muitos habitantes do município, simbolizado pela destruição dos cortiços e estalagens que se espalhavam pela malha urbana. Reinava o imperativo de destruir as habitações populares, sobretudo aquelas localizadas no centro da cidade. A justificativa para tal empreitada partia do princípio de que tais moradias eram duplamente perigosas: por quem as habitava e pelas más condições sanitárias⁶.

Somam-se a isso os anseios da classe dirigente – agora sob os moldes republicanos – de transformar a capital federal em um espaço que imprimisse os ideais do novo governo⁷. Entretanto, era impossível demonstrar a glória de um regime que buscava o progresso, a civilização e a ordem em uma cidade “onde se misturavam usos e classes sociais diversos; onde o capitalista se misturava com o operário, onde os edifícios públicos e empresariais eram vizinhos dos cortiços” (ABREU, 2003, p.220). Dessa forma, buscava-se àquela altura varrer os “males” do centro urbano que se pretendia moderno porque urbanizado, higiênico e organizado⁸.

Em síntese, foi esse o contexto vivido e observado por Lima Barreto. Enquanto morador da cidade do Rio de Janeiro, desde seu nascimento, o autor não apenas vivenciou essa avalanche de acontecimentos que marca o início da República no Brasil, como tirou desses o substrato para sua produção literária. Pedro Belchior, ao analisar parte da produção barretiana – buscando problematizar o “ser suburbano” em Lima Barreto, entre crônicas e romances –, comenta que:

O Rio de Janeiro, palco maior dos projetos de modernização à brasileira, era o solo fértil que motivava e alimentava a sua escrita. Nas primeiras décadas

⁵ Sidney Chalhoub demonstra em *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*, como a ideologia da higiene fazia parte do discurso e das práticas concretas que orientavam a gestão de conflitos envolvendo moradias populares na cidade do Rio de Janeiro em processo de urbanização. A destruição do cortiço Cabeça de Porco é emblemática nessa história. Cf.: (CHALHOUB, 2017).

⁶ Esse aspecto foi mais bem desenvolvido em outra oportunidade. Cf.: (FRÊDO, 2022).

⁷ É o “conservadorismo arejado e a cupidez material” do novo “tipo social representativo do novo regime” de que fala Nicolau Sevckenko (SEVCKENKO, 1999, p.26). As ideias da ordem como progresso e do progresso como imposição da lógica capitalista, da condenação dos costumes populares e da necessidade urgente de imprimir no cenário urbano a imagem burguesa de sociedade são características desse período.

⁸ Vale sublinhar que a “dinâmica da modernidade brasileira sempre esteve vinculada, no início da centúria passada, aos processos de reurbanização e profilaxia carioca — e suas possíveis decorrências morais e sociais — engendrados pela municipalidade no raiar dos 1900” (NOGUEIRA, 2012, p.10).

da República, a cidade era um turbilhão de experiências técnicas. [...]. A febre do progresso, que contou com apoios extremados de intelectuais e homens públicos, talvez tenha tido em Afonso Henriques de Lima Barreto o seu crítico mais orgânico. Ele foi uma voz incansável contra os melhoramentos urbanísticos, não pelas novidades em si, mas pelas implicações sociais e políticas negativas decorrentes delas (BELCHIOR, 2011, p.88).

Dessa forma, tendo em vista tanto a experiência de Lima Barreto enquanto sujeito histórico, quanto sua perspectiva crítica frente aos acontecimentos que vivenciou em sua trajetória⁹, optou-se por analisar as crônicas escritas pelo autor entre os anos de 1920 e 1922 publicadas na revista *Careta*. Esse recorte se justifica por dois principais motivos: primeiro, pois é justamente a partir do ano de 1919 que Lima Barreto se torna cronista fixo da revista¹⁰, contribuindo mais intensamente em suas edições; segundo, pois contempla a gestão Carlos Sampaio (1920-1922) – que investiu pesadamente nas reformas –, sendo este um dos “alvos preferidos” da ácida crítica de Lima Barreto (BELCHIOR, 2011, p.144).

A opção pela revista *Careta*, por seu turno, levou em consideração alguns aspectos. Como dito, o interesse em investigar literatura e imprensa foi o ponto de partida. Soma-se a isso a metodologia que guiou o trabalho: em vez de analisar as crônicas de Lima Barreto em coletâneas organizadas e publicadas em formato de livro, optou-se por estudá-las em seu suporte original de publicação. Ou seja, foi necessário pesquisar em quais periódicos Lima Barreto publicava. Afinal, parte importante da produção cronística barretiana foi publicada em periódicos impressos de grande relevância nas primeiras décadas do século XX, como nos jornais *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio*, além da *Careta* e da *Revista Souza e Cruz* (ENGEL, 2008, p.33).

⁹ Sobre a trajetória intelectual do autor, Pedro Belchior comenta que “é marcada por sucessos e silêncios. A maior parte de seus romances recebeu críticas respeitadas nos jornais, embora sempre aquém das expectativas do autor e do seu próprio merecimento intelectual. Mas o pior obstáculo constatado em vida foi a barreira de silêncio em torno de sua obra. O incômodo causado por *Recordações de escrivão Isaías Caminha*, denúncia contundente do preconceito de cor e das vicissitudes da imprensa carioca, fez com que, logo na primeira empreitada literária, o autor amargasse o silêncio de boa parte da crítica. Suas memórias, nesse sentido, nos falam de uma glória literária não consumada, de títulos não concedidos e de expectativas frustradas” (BELCHIOR, 2011, p.32).

¹⁰ Como comenta Clara Nogueira, Lima Barreto contribuiu para a *Careta* em dois momentos: “Primeiramente durante o ano de 1915 e, posteriormente, de 1919 a 1922. Esta primeira colaboração na *Careta* se estenderia então até o fim de 1915 e Lima aproveitaria a oportunidade de participação em uma revista de maior alcance para comentar os mais diversos assuntos: eleições municipais, política, cidadania, descasos da municipalidade e, sobretudo, o cotidiano do Rio de Janeiro — desde as estações de trem dos arrabaldes suburbanos, como a sua paragem de Todos os Santos, até a ‘modernizada’ Avenida Central. Entretanto, seria a partir de setembro de 1919 que Lima Barreto voltaria de maneira constante e definitiva para a *Careta*. Seu retorno marcaria não só sua consolidação como cronista fixo da revista, mas também como um dos raros jornalistas oposicionistas e críticos dos rumos da cidade” (NOGUEIRA, 2012, p.24).

Chegamos, assim, à *Careta*. É impossível apontar as características dessa revista ilustrada de publicação semanal, que circulou por longos 53 anos – de 6 de junho de 1908 a 5 de novembro de 1960 –, sem levar em consideração seu contexto de produção. Afinal, como argumenta Tania Regina de Luca, “(...) o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa” (LUCA, 2010, p.139). A autora ainda adverte que, ao se trabalhar com a imprensa nas pesquisas em História, o pesquisador deve “(...) estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural” (LUCA, 2010, p.132).

Nesse sentido, as características presentes na revista *Careta* – a impressão gráfica, a qualidade do papel, os conteúdos a serem estampados nas folhas, sua rede de circulação e consumo, sua precificação – revelam não apenas traços característicos dessa publicação singular, mas contemplam elementos compartilhados por outros periódicos do início da República.¹¹ Segundo Maria de Lourdes Eleutério, é durante a chamada Primeira República (1889-1930) que a imprensa nacional se diversifica. Nesse momento, “a imprensa tornava-se grande empresa” (ELEUTÉRIO, 2020, p.83). Os impressos passam por transformações marcantes: inovações tecnológicas reconfiguram seus aspectos materiais e proporcionam o aumento das tiragens, melhor qualidade da impressão e menor custo de produção. Como parte desse processo, acrescenta-se a formação do público leitor e as novas funções atribuídas aos intelectuais¹².

A isso, podemos indicar algumas peculiaridades das revistas. De acordo com a investigação de Clara Miguel Nogueira, esse formato, “marcado por certa reflexão

¹¹ Enquanto fonte, concordo com a argumentação de Nogueira, que aponta que a “imprensa é, ao mesmo tempo, fonte documental, memória viva de um tempo, agente histórico e depositário de farto material literário, e [...] as fontes primárias se recobrem de importância única não apenas para elucidar o presente, mas, sobretudo, para desvendar o passado. Momento particular na história social do Brasil, dado o redirecionamento político e cultural em curso na ocasião, a virada do século XIX para o século XX é recorte temporal privilegiado para entender a imprensa não somente como guardiã do literário ou do informativo, mas como veículo de reconstrução do passado, espaço público democrático e lugar legitimador da cidadania” (NOGUEIRA, 2012, p.18).

¹² Nesse ponto, com a ampliação astronômica do número de periódicos, são cada vez mais requisitados colaboradores letrados para a redação dos conteúdos impressos. Os “homens de letras” são convidados a produzir não apenas notícias e peças literárias como, também, conteúdos publicitários. Afinal, enquanto uma empresa, os periódicos visavam o lucro. Isso vinha, dentre outras formas, com a receita arrecadada com os anúncios publicitários que expunham nas folhas dos impressos novas mercadorias, frutos da urbanização e da industrialização. Como argumenta Eleutério, é “nesse momento que os anúncios tomam conta das revistas, fosse em caráter publicitário, fosse como apoio econômico ao veículo” (ELEUTÉRIO, 2020, p. 94). Os homens de letras “se deparavam, assim, com mais uma atividade remunerada, isto é, aquela de produtor de pequenas peças publicitárias: quadrinhas, poemas-reclame, *slogans*, imortalizados como o de Bastos Tigre: ‘Se é Bayer é bom’” (ELEUTÉRIO, 2020, p. 95). Dentre esses, destaca-se a figura de Lima Barreto, “um dos colaboradores mais assíduos daquela República das Letras” (ELEUTÉRIO, 2020, p. 93).

despretensiosa, pela abordagem literária e informações leves, teria seu momento de destaque — não ao ponto de coibir ou impossibilitar a circulação do tradicional jornal diário, mas delimitando mais sua atuação— neste novo ambiente diversificado por inúmeras práticas culturais” (NOGUEIRA, 2012, p.19)¹³. Mas, afinal, como isso pode ser visto através da *Careta*?

No embalo da modernização gráfica e técnica, ela “marcou época não somente por ser representativa de uma cidade que se queria símbolo de modernidade, mas por ser a própria publicação representante da evolução técnica que mudaria de certa forma os paradigmas do jornalismo literário do momento em questão” (NOGUEIRA, 2012, p.130). Tanto a sofisticação técnica, quanto a urbanização da cidade do Rio de Janeiro são estampadas nas edições da revista. Portanto, a *Careta* simboliza a modernização pela qual passava o Rio de Janeiro do início da República. Esse foi um importante aspecto que fundamentou a escolha do periódico para a pesquisa.

Esses elementos aparecem na revista de diferentes formas. Em primeiro lugar, pela materialidade da fonte. Nas edições analisadas, a revista apresenta um refinamento gráfico: páginas bem diagramadas, padronizadas e bastante coloridas. Os volumes semanais, dentro do recorte analisado, contêm cerca de 40 páginas¹⁴. Além disso, os conteúdos dispostos nas folhas também indicam elementos característicos da imprensa do início do século XX: são inúmeros os reclames publicitários – em quantidade e variedade – e a diversidade de colaboradores¹⁵.

Essa variedade também é apontada por Nogueira como uma característica definidora da *Careta*. Inclusive, isso é parte do projeto de Jorge Schmidt – empresário que assumiu a direção da revista entre 1908 e 1935 – que buscava, com a *Careta*¹⁶, “uma publicação de amplo alcance

¹³ Além disso, a autora aponta que a esse formato “competiu não apenas o espaço para a legitimação da modernidade ou como depositório da literatura vigente, mas, sobretudo, o papel de mercadoria de fácil consumo” (NOGUEIRA, 2012, p.19).

¹⁴ Nessa investigação, percebi que as edições publicadas próximas a datas comemorativas – como no Natal – costumam contar com um número maior de páginas quando comparadas às demais edições. A edição 705, publicada em 24 de dezembro de 1921 (véspera de Natal), contém 61 páginas, enquanto a 704 é composta por 40 páginas e a 706 por 44.

¹⁵ Fato que dialoga com a lógica empresarial que a imprensa assume nesse contexto: o lucro estava em jogo, e quanto mais diversificado seu produto, maior seu público consumidor. Isso vinha, dentre outras formas, com os anúncios publicitários que exibiam nas folhas dos impressos novas mercadorias, frutos da modernidade que se anunciava. Como argumenta Eleutério, é “nesse momento que os anúncios tomam conta das revistas, fosse em caráter publicitário, fosse como apoio econômico ao veículo” (ELEUTÉRIO, 2020, p.94). Os homens de letras “se deparavam, assim, com mais uma atividade remunerada, isto é, aquela de produtor de pequenas peças publicitárias: quadrinhas, poemas-reclame, slogans, imortalizados como o de Bastos Tigre: ‘Se é Bayer é bom’” (ELEUTÉRIO, 2020, p.95).

¹⁶ “Como mais uma iniciativa do jornalista e empresário Jorge Schmidt, que exerceu a direção da revista de 1908, data de sua fundação, até 1935, ano de seu falecimento, a *Careta* surgiu não apenas como consequência dos novos

entre os leitores, com um caráter mais popular e principalmente de leitura mais espirituosa e divertida” (NOGUEIRA, 2012, p.134). Assim, com essa pegada eclética “tanto no que tangia ao alcance de público variado quanto no que representava sua diversificada teia de colaboradores, de colunas, de reclames, de conteúdo gráfico e de modelo editorial, a *Careta* conseguia diferenciar-se das demais publicações similares da época” (NOGUEIRA, 2012, p.133).

Além disso, a sátira à sociedade carioca e as críticas aos movimentos da política institucional são traços marcantes da revista, quase sempre debatidos com humor. E, para tanto, a redação contava com um grupo eclético de colaboradores – que produziam crônicas, peças jornalísticas, charges e trovas – dentre os quais se destaca Lima Barreto¹⁷. Como comentado, durante os anos de 1919 até o ano de 1922, que também marca seu falecimento, o literato participou intensamente do hebdomadário, publicando um total de 47 crônicas que foram objeto de investigação durante minha pesquisa.

“O resto do Rio não existe; mas paga imposto. O Rio é Botafogo; o resto é a cidade indígena, a cidade negra”¹⁸

Os lamentáveis conflitos que se vêm dando entre estudantes e o pessoal da Light, por causa de passagens, para a Praia Vermelha, é uma consequência dessa bisonha e fútil mania por Botafogo.

Uma cabeça de algum senso que não estivesse entupida com frases de alfarrabios soporíficos e tivesse uma verdadeira visão e consciência da responsabilidade da direção de qualquer coisa, não iria por uma escola frequentada por mais de mil rapazes, num recanto afastado da cidade, servido por uma única linha de bondes, de passagens caras, só porque esse recanto fica para as bandas de Botafogo!

Um estabelecimento, mais ou menos sustentado pelo Estado, em tudo, tem por escopo primordial servir ao maior número de cidadãos; e a sua situação devia obedecer a esse critério, o que levaria a ser o seu edifício

artefatos técnicos de impressão e de ilustração que possibilitavam a circulação de um periódico composto basicamente por charges, caricaturas e fotogravuras, mas principalmente para ocupar certo vazio que a revista *Kosmos* provocaria, na editora de Schmidt, ao deixar de circular em abril de 1909” (NOGUEIRA, 2012, p.134).

¹⁷ Além do literato, também contribuía outros nomes da intelligentsia literária carioca, dentre eles, “Emílio de Menezes, Martins Fontes, Olegário Marianno, Luiz Edmundo, os redatores Bastos Tigre e Leal de Souza e até mesmo Olavo Bilac” (NOGUEIRA, 2012, p.136).

¹⁸ Frase retirada da crônica “Botafogo e os pró-homens”, escrita por Lima Barreto e publicada na página dez da edição 685 da revista *Careta* (*Careta*, 6 de agosto de 1921, p.10).

erguido em lugar o mais central possível da cidade. Entretanto, a botafogana vaidade dos que mandam nessa joça, foram collocal-o numa das portas da metropole, cujo acesso em bondes é relativamente desperdiço para as bolsas medias, e ninguem protestou. Dahi, os conflictos (*Careta*, 6 de agosto 1921, p.10).

Ao folhear a edição 685 da revista *Careta*, publicada em seis de agosto de 1921, o leitor encontra na altura da página dez a crônica “Botafogo e os pró-homens”, assinada por Lima Barreto. O texto ocupa metade da folha e divide espaço com um anúncio do doutor especialista M. Prat que, por sua vez, divulga os serviços estéticos que fornece ao público feminino. Gozando de certo destaque na edição – afinal, ocupa as primeiras páginas do volume e divide a folha com apenas um único conteúdo–, “Botafogo e os pró-homens” também se distingue pelo teor crítico que traz em suas linhas. Lima Barreto critica a “mania por Botafogo” que, segundo ele, contaminou os dirigentes cariocas: o “resto do Rio não existe; mas paga imposto” (*Careta*, 6 de agosto 1921, p.10). Mas, o que isso quer dizer?

Para isso, é importante compreender que Botafogo, àquela altura, era um bairro aristocrático. Segundo a análise de Julia O’Donell, a região era ocupada por famílias abastadas já nas décadas finais do século XIX. Além disso, a Zona Sul do Rio de Janeiro – onde encontra-se o referido bairro – foi privilegiada com obras de urbanização: novas linhas de bonde, fornecimento de gás, água potável e esgoto consistiam em algumas das melhorias levadas à região no final do século XIX e no início do XX (O’DONELL, 2011, p.27-29).

Em 1921, há indícios de que esse cenário não havia mudado. Afinal, Lima Barreto sugere que o “Rio é Botafogo; o resto é a cidade indígena, a cidade negra” (*Careta*, 6 de agosto de 1921, p.10). Essa mania por Botafogo de que fala o cronista diz respeito às escolhas da administração pública municipal – nesse período, comandada por Carlos Sampaio – no trato com a cidade. No contexto das reformas urbanas, certos espaços da malha urbana eram modernizados em detrimento de outros. Botafogo foi um dos bairros privilegiados nesse processo, enquanto outros – sobretudo os bairros suburbanos – foram propositalmente negligenciados.

Em síntese, o que guiava esses projetos modernizantes era a imposição do modelo burguês de sociedade que se desenvolvia há tempos no continente europeu. Portanto, o movimento de modernização das cidades não é uma novidade carioca; muito pelo contrário, faz parte de um processo global que está relacionado com a ascensão da burguesia como classe

dominante¹⁹. Para tanto, era necessário exibir monumentos e mercadorias, bem como articular um novo rol de costumes – através do vestuário e de comportamentos “adequados”, por exemplo – que estivessem de acordo com os ideais da burguesia²⁰.

Em solo brasileiro, essas reformas ocorrem com um objetivo particular: construir uma nova imagem para o Brasil, agora comandado sob os signos da República. Era necessário modelar o espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, que abre o século XX carregando os títulos de maior centro político, comercial e populacional do país (SEVCENKO, 1999, p.27), em contraste com a típica configuração colonial associada ao império. Para tanto, uma avalanche de obras atinge sua estrutura urbana e, ao mesmo tempo, ocorre a condenação de hábitos e costumes que, segundo os defensores e articuladores das reformas, iam contra o ideário de uma sociedade civilizada, higiênica e alinhada com o progresso.

Na crônica citada, Lima Barreto aponta as nefastas consequências desse processo: os estudantes da Faculdade de Medicina – localizada na Praia Vermelha – tinham de lidar com passagens de bonde muito caras, “só porque esse recanto fica para as bandas de Botafogo” (*Careta*, 6 de agosto de 1921, p.10). E, como bem argumenta o cronista, uma instituição mais ou menos sustentada pelo Estado deve estar alinhada com os interesses da maioria da população. O que não ocorre com o caso da faculdade: ela foi erguida em uma região distante do centro urbano, dificultando o acesso dos estudantes à instituição. E, para o autor, isso decorre da “botafogana vaidade dos que mandam nessa joça” (*Careta*, 6 de agosto de 1921, p.10).

Em síntese, além de criticar o preço das passagens – que pesava no bolso dos estudantes de medicina –, o autor ainda aponta a contradição em se instalar uma faculdade frequentada por muitos alunos numa região de difícil acesso. Lima Barreto expõe que a municipalidade não está

¹⁹ Em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman explora o dilema da modernidade nas obras de diferentes autores. Dentre eles, destaca-se a produção de Karl Marx. Através das contribuições da obra marxiana para a compreensão da estrutura da sociedade burguesa, Berman aponta que, enquanto classe dominante, a “segunda grande realização burguesa foi liberar a capacidade e o esforço humanos para o desenvolvimento: para a mudança permanente, para a perpetua sublevação e renovação de todos os modos de vida pessoal e social” (BERMAN, 2007, p.117). Nesse sentido, essa mudança almejada e imposta pela burguesia também se faz presente na estrutura das cidades: era necessário exibi-la, dentre outras coisas, através de monumentos e obras públicas, como observado no processo de remodelação urbana ocorrido no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.

²⁰ Segundo Nicolau Sevcenko, a “luta contra os velhos hábitos coloniais” extrapola o movimento de expulsão da população pobre do centro da cidade. A isso, acrescenta-se uma perseguição contra certos costumes populares: há uma reação contra a serenata pela utilização do violão – instrumento compreendido como “sinônimo da vadiagem” –, além das ações contra as barracas e quiosques, carroças, restaurantes populares e, até mesmo, com a criação de uma lei que dispunha sobre a “obrigatoriedade do uso de paletó e sapatos para todas as pessoas, sem distinção, no Município Neutro” (SEVCENKO, 1999, p.33).

preocupada em atender o bem-estar coletivo: pelo contrário, contaminada pela fútil mania por Botafogo, prioriza os anseios particulares dos dirigentes da cidade. No mesmo bairro, duas experiências distintas: uns desfrutam de suas nobres moradias; outros, sofrem diariamente com passagens caras para chegar em seu local de estudo.

Através da leitura desse texto, fica evidente um traço característico da produção cronística de Lima Barreto: a ácida crítica dirigida às escolhas feitas pelos governantes do Rio de Janeiro no trato com a cidade. A partir desses escritos e do relevante espaço que gozava na imprensa nacional, o autor não apenas denunciava o “outro lado” das reformas urbanas, bem como “faz de suas crônicas um *front* de combate a obras de embelezamento, não pelo quê de melhoria que traziam, mas por serem direcionadas às áreas ocupadas pela elite cosmopolita e ‘moderna’ da capital federal” (BELCHIOR, 2011, p.144).

Isso se explica, também, pela própria vivência de Lima Barreto na cidade do Rio de Janeiro. Ele transitava pela cidade entre sua moradia em Todos os Santos – região suburbana do Rio de Janeiro – e o centro da capital que, àquela altura, modernizava-se. E faz essa travessia nos bondes lotados, ou trilhando seu caminho a pé. É dessa experiência que compõe “uma literatura preñe de interpretações densas e vibrantes da metrópole, sempre vista sob uma perspectiva inquiridora e oscilante” (BELCHIOR, 2011, p.94).

Tais aspectos são percebidos não apenas em “Botafogo e os pró-homens”, mas também na crônica “O prefeito e o povo”, publicada alguns meses antes na edição 656 da *Careta*, cuja circulação data de 15 de janeiro de 1921. A crônica ocupa quase a totalidade da página número quatro do respectivo volume, dividindo-a com um pequeno texto assinado por R. e com o anúncio de um produto cosmético disposto no rodapé. Nos primeiros parágrafos, Lima Barreto comenta o seguinte:

O Sr. Dr. Carlos Sampaio é um excelente prefeito, melhor do que elle só o senhor de Frontin. Eu sou habitante da cidade do Rio de Janeiro e, até, nella nasci; mas, apezar disso, não sinto quasi a acção administrativa de S. Ex.^a. Para mim, S. Ex.^a é um grande prefeito, não ha duvida alguma; mas de uma cidade da Zambezia ou da Conchichina.

Vê-se bem que a principal preocupação do actual governador do Rio de Janeiro é dividil-o em duas cidades: uma será a eurôpéa e a outra, a indigena.

É isto que se faz ou se fez na India, na China, em Java, etc; e em geral, nos paizes conquistados e habitados por gente mais ou menos amarella ou negra. Senão, vejamos.

Todo o dia, pela manhã, quando vou dar o meu passeio philosophico e hygienico, pelos arredores da minha casa suburbana, tropeço nos caldeirões da rua principal da localidade de minha residencia, rua essa que foi calçada ha bem cincoenta annos, a pedregulhos respeitaveis.

Lembro-me dos silhares dos caminhos romanos e do asphalto com que a Prefeitura Municipal está cobrindo os areas desertos de Copacabana.

Porque será que ella não reserva um pouquito dos seus cuidados para essa util rua das minhas visinhanças, que até é caminho de defuntos para o cemiterio de Inhaúma? Justos céos! Tem acontecido com estes cada cousa macabra! Nem vale a pena contar (*Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4).

Aqui, o autor compartilha com seus leitores a realidade que vive em sua região. Ao passear pelas manhãs na rua principal de Todos os Santos – bairro suburbano onde o escritor residia na época –, Lima Barreto tropeça nos buracos dessa rua “que foi calçada há bem cincoenta annos” (*Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4). Enquanto isso, a prefeitura municipal investe dinheiro público na pavimentação dos areas de Copacabana. Essa diferença de tratamento entre as regiões intriga o autor: “Porque será que ella não reserva um pouquito dos seus cuidados para essa útil rua das minhas visinhanças, que até é caminho de defuntos para o cemiterio de Inhaúma?” (*Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4).

A esse relato, soma-se a crítica dirigida ao prefeito Carlos Sampaio logo no primeiro parágrafo. Sampaio até pode ser um ótimo prefeito, mas não para os habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Como diz Lima Barreto, deve ser “de uma cidade da Zambesia ou da Conchichina” (*Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4). No desenrolar da crônica, Lima acumula novas críticas ao governante, dentre elas, a preocupação fútil de Carlos Sampaio com a construção de hotéis luxuosos “para hospedar grossos e médios visitantes illustres” (*Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4) enquanto os habitantes dos morros da Favella e do Salgueiro vivem em barracos precários.

Novamente está posta aqui a seguinte questão: se a prefeitura tem recursos financeiros para investir em obras públicas, por qual razão somente algumas regiões da cidade são contempladas com as melhorias? Enquanto os areas de Copacabana estão sendo calçados e hotéis de luxo são erguidos pela cidade, os moradores de Todos os Santos continuam a tropeçar nas ruas esburacadas que se espalham pelo bairro.

Como dito, Lima Barreto faz de suas crônicas um espaço privilegiado de crítica ao projeto excludente de modernização da antiga capital federal. O autor compara, com frequência, realidades opostas que convivem lado a lado na cidade. Tanto em “Botafogo e os pró-homens”

como em “O prefeito e o povo”, o cronista constrói a ideia de uma cidade cindida: uma seria a negra e indígena, a outra seria europeia. A primeira diz respeito às regiões negligenciadas – como os morros da Favella e do Salgueiro e o bairro de Todos os Santos –, que não recebem quaisquer melhorias por parte da prefeitura carioca. Já a segunda refere-se aos bairros nobres – no caso, Botafogo e Copacabana – que, por seu turno, são agraciados com hotéis luxuosos, ruas pavimentadas e arborizadas, dentre outras novidades.

Nesse sentido, Pedro Belchior esclarece que Lima Barreto “fez-se porta-voz das demandas da população suburbana, claramente à margem dos melhoramentos urbanos promovidos pela prefeitura” (BELCHIOR, 2011, p. 144). Em consonância com essa argumentação, Clara Asperti aponta que o autor carioca “deflagrou em sua escrita, inúmeras vezes, a imagem inversa àquela do Rio de Janeiro idealizado” (NOGUEIRA, 2012, p.26).

Diante do exposto acima, fica nítida a riqueza das crônicas assinadas por Lima Barreto para a compreensão da formação da República brasileira. Através da análise da produção cronística do literato, é possível acessar um passado complexo e recheado de contradições e disputas. Além disso, as críticas expostas por Lima Barreto guardam uma conexão imensa com o tempo presente. Ruas esburacadas, passagens caras e a discrepância de estrutura de diferentes bairros não parece ter ficado “no passado”. Pelo contrário, são dilemas que enfrentamos na atualidade.

É justamente por essa ponte com o tempo presente que aposto na riqueza das crônicas barretianas para o Ensino de História. Concordo com a argumentação de Magali Gouvea Engel que, ao analisar as crônicas de Lima Barreto em conexão com o Ensino de História, argumenta nesse sentido:

As crônicas de Lima Barreto se caracterizam por uma impressionante ao mesmo tempo incômoda atualidade em relação não apenas aos desmandos das autoridades públicas, mas também a problemas cruciais que continuam marcando profundamente a sociedade brasileira: a miséria, as péssimas condições de habitação das classes trabalhadoras, o alto custo de vida, a discriminação racial, entre tantos outros. É justamente no sentido de fornecer sólidos elos de articulação entre presente e passado, na atualidade de suas denúncias que os registros literários daquele autor – em especial suas crônicas – podem ser utilizadas para ensinar/aprender história (ENGEL, 2008, p.73).

O que nos resta, agora, é compreender melhor como as crônicas aqui apresentadas, em conjunto com seu suporte original de publicação – no caso, a revista *Careta* – podem ser úteis ao Ensino de História.

Literatura e imprensa em sala: uma proposta pedagógica

Conceição Cabrini *et al.* apontaram, no ano de 1994, a necessidade de uma revisão urgente no Ensino de História. Segundo o diagnóstico das autoras, o modelo tradicional de ensino era recorrente nas aulas de História ministradas no ensino básico. Nesse modelo, estão em jogo dois principais aspectos: o primeiro refere-se a uma concepção errônea do que seria a História e qual seu objetivo enquanto disciplina escolar; já o segundo diz respeito a questões de ordem metodológica, ou seja, à forma como os objetos de conhecimento dessa disciplina são mobilizados e conduzidos em sala de aula²¹.

Sobre o primeiro aspecto, não raro escutamos no nosso cotidiano certas falas que apontam a História como a ciência que investiga grandes eventos – como guerras, revoluções e conflitos no âmbito da política institucional –, célebres nomes – muitas vezes ligados a esses eventos grandiosos e em sua maioria referindo-se a homens brancos e ricos – e datas ditas importantes – 1500 (invasão portuguesa no atual Brasil), 1789 (início da Revolução Francesa) e 1889 (proclamação da República no Brasil) são algumas delas. Em tese, isso não está completamente equivocado. Afinal, tais elementos são, realmente, objetos de investigação dentro do campo historiográfico.

Entretanto, esse discurso é extremamente reducionista: a História não se limita ao estudo desses casos. E, indo além, não podemos falar de História no singular²². Um mesmo evento ocorrido no passado pode ser investigado através de múltiplas perspectivas. Não à toa lidamos com acirrados debates dentro da historiografia. A escolha da fonte a ser analisada, a corrente teórico-metodológica com que se escolhe trabalhar e os próprios objetivos individuais de cada pesquisa contribuem para uma grande diversidade de conclusões sobre um mesmo tema.

²¹ Vitor Henrique Paro traz uma importante reflexão que dialoga com a proposição de Cabrini *et al.* Segundo o autor, se acredita, no senso comum, “que educação (ou ensino) é a simples ‘passagem’ de conhecimentos e informações de quem sabe para quem não sabe. Mesmo quando se trata de desenvolvimento de condutas e de aquisição de valores, a forma de educar consiste predominantemente na ‘passagem’ verbalizada (oral ou escrita) de conhecimentos e de informações de quem educa para quem é educado. Nesse processo, o mais importante é o conteúdo a ser ‘transmitido’, aparecendo o educador como simples provedor dos conhecimentos e informações e o educando como simples receptáculo desses conteúdos. O que conta é o conteúdo, que pode ser mais ou menos rico, dependendo de sua quantidade e qualidade” (PARO, 2014, p.21).

²² A reflexão feita por Chimamanda Adichie na famosa conferência “O perigo de uma história única” contribui imensamente com esse debate. ADICHIE, Chimamanda. Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. YouTube, 7 de outubro de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 4 de junho de 2023.

Em grande verdade, essa concepção de História um tanto equivocada não se limita a conversas do cotidiano. Pelo contrário, embasa a seleção dos conteúdos a serem ministrados no ensino básico. Apesar de certo avanço conquistado nas últimas décadas no âmbito das legislações educacionais, ainda é visível a permanência de uma concepção de História que tem raízes eurocêntricas, que aposta na linearidade da cronologia clássica e que preza por um conhecimento “acabado”, estampado nos livros didáticos²³.

Nessa altura, encontramos o segundo impasse, qual seja, a escolha metodológica feita pelos professores de História²⁴. Juntamente com os limitados conteúdos prescritos pelos currículos e pelas demais diretrizes educacionais, há ainda a forma como os assuntos são elaborados em sala de aula. Isabel Barca afirma que os diferentes modelos de aula expositiva ainda são largamente praticados nas escolas (BARCA, 2004). Nesse formato, como o próprio nome sugere, o que importa é “passar” um determinado conteúdo, já selecionado e acabado, desconsiderando ou minimizando a participação dos alunos na aula. É o discurso competente de que falam Conceição Cabrini *et al.*: “são o professor e o livro didático que têm a competência e o privilégio para a escolha dos objetos de estudo e tudo que com eles se relaciona” (CABRINI, 1994, p.32).

Concordo com Barca que a adoção desses modelos é bastante problemática pois, dentre outras coisas, reforça a ideia equivocada de que o processo de ensino-aprendizagem ocorre através da suposta transmissão de conhecimento entre professor e aluno. Nessa perspectiva, a relação construída entre educador e educando se torna hierárquica. O primeiro seria o detentor do saber, enquanto o segundo é tido como uma página em branco, um receptáculo em que os conhecimentos são depositados. Nesse processo, como argumenta Vitor Paro, o “método de ensino (qualquer ensino) acaba reduzido, ao fim e ao cabo, a uma apresentação ou exposição de *conhecimentos e informações*, sem qualquer consideração pela subjetividade do educador e do educando” (PARO, 2014, p.22, grifos do autor).

²³ Sobre esse importante debate, conferir o artigo “Vitória da tradição ou resistência da inovação: o Ensino de História entre a BNCC, o PNL D e a Escola” escrito por Sandra Regina Ferreira de Oliveira e Flávia Eloisa Caimi. (CAIMI; OLIVEIRA, 2021).

²⁴ Aqui cabe uma importante ressalva. Muitas vezes essa escolha não é, propriamente, uma escolha. Sabemos que a condição concreta dos trabalhadores da educação no Brasil é extremamente desafiadora. Baixos salários, sobrecarga de trabalho e falta de estrutura material básica são questões muito debatidas pela categoria. Nesse sentido, é compreensível que muitas aulas – não apenas de História – sejam pouco elaboradas ou que acabem, infelizmente, caindo no tradicional. Quero dizer, em síntese, que a condição concreta desses trabalhadores pode influenciar na escolha que fazem para seu trabalho docente. É necessário, inclusive, que essa questão seja estudada mais de perto.

Desse modo, o aluno é completamente excluído do processo de construção de conhecimento. Seus saberes prévios são desconsiderados, sua experiência enquanto sujeito histórico é ignorada. E, nos limites da disciplina de História, essa perspectiva de educação leva à apresentação de fatos do passado de forma revelada, acabada. Além disso, concordo com Cabrini *et al.* que essa História

[...] que exclui a realidade do aluno, que despreza qualquer experiência da história por ele vivida, impossibilita-o de chegar a uma interrogação sobre sua própria historicidade, sobre a dimensão histórica de sua realidade individual, de sua família, de sua classe, de seu país, de seu tempo... Essa história torna “natural” o fato de o aluno não se ver como um agente histórico, torna-o incapaz de colocar questões ou de perceber os conhecimentos que, a partir de suas experiências individuais, possam ser base de discussão em sala de aula. É o famoso divórcio entre a escola e a vida e que expressa a grande despolitização do ensino. O comprometimento com a sufocante estrutura autoritária da sociedade que perpassa toda a escola se manifesta na relação entre saber e poder; isso faz com que o aluno parta do pressuposto de que o que deve ser ensinado é o que a escola procura ensinar e o impede de pensar qualquer outra alternativa de conteúdo (CABRINI, 1994, p.34).

Estamos diante, portanto, de um problema complexo. Como superar esse Ensino de História tradicional que exclui o aluno do processo de construção de conhecimento? Indo além, como resgatar a vivência e a subjetividade dos estudantes em diálogo com os assuntos a serem abordados em sala de aula, característicos da disciplina de História²⁵?

Acredito que a adoção de uma metodologia que parta do uso de fontes em sala de aula seja uma rica alternativa a esse impasse. Em primeiro lugar, é válido pontuar que isso não constitui uma novidade. Afinal, de acordo com a investigação de Circe Bittencourt, fontes históricas – como gravuras, fotos, filmes, mapas e ilustrações – já são usadas como recursos pedagógicos no ensino de História, aparecendo impressas nos livros didáticos da disciplina desde meados do século XIX (BITTENCOURT, 2020, p.69).

Entretanto, tais fontes não devem cumprir a função de ilustrar um passado, como se fossem neutras e capazes de retratar determinado evento tal como ele “efetivamente” ocorreu. Pelo contrário, devem ser mobilizadas em sala de aula enquanto documentos históricos, a serem

²⁵ Cito, novamente, Conceição Cabrini *et al.* que reflete sobre o estudo da disciplina de História no ensino básico: “Para que estudar história no 1º e 2º graus? É para fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica; para que pratique um exercício de reflexão, que o encaminhará para outras reflexões, de natureza semelhante, em sua vida e não necessariamente só na escola; pois a história produz um conhecimento que nenhuma outra disciplina produz – e ele nos parece fundamental para a vida do homem, indivíduo eminentemente histórico” (CABRINI, 1994, p. 36).

analisados seguindo um método específico. Esse aspecto, inclusive, pode (e deve) ser objeto de investigação em sala de aula: é “preciso que iniciemos o aluno no fato de que o conhecimento histórico é algo construído a partir de um procedimento metodológico; em outras palavras, que a história é uma construção” (CABRINI, 1994, p.43).

A isso, acrescento que não basta adotar o uso dessas fontes em sala de aula: isso, por si só, não garante um processo de ensino-aprendizagem que efetivamente considere o protagonismo do aluno na investigação do objeto de conhecimento. É necessário que esses documentos sejam abordados com uma metodologia que esteja, de fato, comprometida com a superação dessa perspectiva de ensino de História tradicional.

Com essa reflexão em mente, retomo as crônicas que foram analisadas no tópico anterior, buscando entender como elas podem contribuir com um Ensino de História alternativo ao tradicional. Vale pontuar que esses textos produzidos por Lima Barreto revelam uma particularidade da imprensa e da literatura do final do século XIX e do início do XX, qual seja, a indissociabilidade entre tais produções. Nesse contexto, as linguagens jornalística e literária se influenciam mutuamente (ELEUTÉRIO, 2020, p.96). Além disso, a crônica – enquanto gênero literário – é apontada como “filha do jornal e da era da máquina” por Antonio Candido (CANDIDO, 1992, p.14). Nesse mesmo sentido, segundo Sidney Chalhoub, Margarida Neves e Leonardo Pereira “a crônica mostrava-se, mais do que qualquer outro gênero, atrelada ao jornal no qual era publicada” (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p.16).

Junto com essa estreita ligação com os jornais e revistas de sua época, outras características são compartilhadas por esses escritos tão difundidos a partir da segunda metade do século XIX. É justamente da “aparente contradição entre a leveza anunciada pelos cronistas e a cuidadosa elaboração de suas séries; da tensão entre a tarefa de comentar a realidade e o intuito de transformá-la; e da variedade de formas e temas por ela assumidas” que, de acordo com Chalhoub, Neves e Pereira, podemos definir um perfil para a crônica – embora essa definição não seja universal e estanque, como bem advertem os autores (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p.17).

Há, ainda, as particularidades das crônicas cariocas produzidas nesse mesmo contexto. Margarida Neves aponta a riqueza desses escritos para a compreensão da sociedade republicana que se formava. São, portanto, um dos veículos que temos à disposição, no tempo presente, para “penetrar o universo contraditório e nos matizes ocultos pelo simplismo reducionista da

fórmula positivista da *ordem como progresso*, que aparece como denominador comum possível das múltiplas propostas republicanas e modernizadoras” (NEVES, 1992, p. 78).

As crônicas produzidas por Lima Barreto entre os anos de 1919 e 1922 se inserem nesse contexto. Pelos assuntos que abordam em suas linhas, pela linguagem simples e divertida que apresentam²⁶, bem como pelo contexto histórico em que foram produzidas, são ótimas fontes para turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II. Conforme previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é importante que os estudantes do 9º ano consigam “identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive”, de acordo com a habilidade EF09HI05 (BNCC, 2017, p.428-429). Além disso, auxiliam na compreensão de importantes aspectos da chamada Primeira República (1889-1930).

Como visto, as crônicas de Lima Barreto constituem um testemunho crítico do processo de modernização da sociedade brasileira do início do século XX. Inspirado pelas proposições de Conceição Cabrini *et al.* e Isabel Barca, aposto em um modelo de aula que tenha como princípio o aluno enquanto sujeito dotado de saberes prévios. O modelo de aula-oficina sugerido por Barca pressupõe o aluno como “agente de sua formação com idéias prévias e experiências diversas” e o professor como “investigador social e organizador de atividades problematizadoras” (BARCA, 2004, p.3). Discordo, entretanto, que apenas o professor seja investigador. O aluno também deve assumir esse papel em sala de aula: ele deve ser agente ativo desse processo, sendo este devidamente mediado pelo educador.

Vale sublinhar que a utilização de fontes literárias e periódicos impressos em sala de aula não constitui uma novidade²⁷. As próprias crônicas de Lima Barreto já foram indicadas como rico material para o Ensino de História, como bem o faz Magali Gouvea Engel em *Crônicas cariocas e ensino de história*. A autora realiza um levantamento – organizado por

²⁶ Vale pontuar a interessante relação que Antonio Candido estabelece, ao refletir sobre o gênero crônica, entre literatura e ensino: “É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. Os professores tendem muitas vezes a incutir nos alunos uma idéia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo. muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.” (CANDIDO, 1992, p.19).

²⁷ O site da Hemeroteca Digital conta com um vasto acervo de periódicos nacionais e estrangeiros que conta com uma forma fácil de navegação. O portal torna acessível um número grandioso de possíveis fontes que os professores e pesquisadores podem mobilizar para suas pesquisas acadêmicas e para uso em sala de aula. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 6 de junho de 2023.

eixos temáticos – de várias crônicas escritas por Lima, publicadas em diferentes periódicos brasileiros entre 1911 e 1922. Além de transcrever alguns desses escritos na íntegra, Engel reserva um espaço sugerindo a utilização da crônica “Macaquitos”, publicada na *Careta* em 23 de outubro de 1920, numa dinâmica interdisciplinar envolvendo as disciplinas de História, Geografia, Espanhol, Português/Redação e Literatura (ENGEL, 2008, p.73-83).

A novidade proposta aqui refere-se à escolha da crônica a ser trabalhada, bem como à abordagem desta em seu suporte original de publicação. Sugiro que os registros literários de Lima Barreto e os aspectos materiais da revista *Careta* sejam explorados de forma conjunta. Afinal, é justamente a riqueza e a pluralidade de informações presentes no objeto de estudo uma das justificativas para o uso de fontes em sala de aula²⁸.

Como visto em “Botafogo e os pró-homens”, publicada em 1921, Lima Barreto tece críticas ao preço das passagens de bonde e à municipalidade – que prioriza a manutenção dos bairros nobres. Através desse texto, é possível explorar com os alunos questões atuais relativas à estrutura urbana e às escolhas feitas pela gestão municipal no trato com a cidade em que vivem, buscando semelhanças e diferenças com o que foi apresentado por Lima Barreto. Além disso, pode-se debater em sala sobre o preço atual das passagens dos transportes coletivos e quais implicações disso na vivência dos alunos. E, ainda, se eles observam, nos dias de hoje, essa “cidade cindida” que aparece na produção barretiana.

Soma-se a isso os elementos característicos da revista *Careta* enquanto veículo impresso. Ao ser disponibilizado o volume em que a crônica foi publicada, os alunos terão contato com um documento histórico. Observar os aspectos materiais que envolvem a revista – como o número do volume, as ilustrações, os anúncios e propagandas, o tamanho dos textos, a presença ou não de fotografias, dentre outros itens – possibilita aos alunos uma interação mais concreta com o objeto de conhecimento.

Assim, tendo esses objetivos em mente, sugiro uma breve proposta para a disciplina de História a ser elaborada em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II. Como recurso

²⁸ Valle, Arriada e Claro apontam que a essa “riqueza de informações que podemos extrair das fontes justifica o seu uso no fazer pedagógico de várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural” (VALLE; ARRIADA; CLARO, 2010, p. 65)

principal, aposto na utilização do volume 685 da *Careta* e da crônica “Botafogo e os pró-homens”, publicada nessa mesma edição (conferir Anexo A), mobilizados da seguinte forma:

1) 1º momento: duas aulas de 50 minutos

- Breve avaliação diagnóstica realizada através de perguntas geradoras com o objetivo de compreender os conhecimentos prévios dos alunos acerca dos processos de urbanização ocorridos no Brasil (10 minutos);
- Situar, preferencialmente através de *slides* – contendo mapas, imagens e fotografias –, o movimento de remodelação urbana da cidade do Rio de Janeiro. Deve-se considerar os novos ideais do regime republicano, o movimento global da modernização e os conflitos ocorridos entre trabalhadores pobres e os patrocinadores das reformas entre o final do século XIX e o início do XX (30 minutos);
- Apresentar, brevemente, o volume 685 da revista *Careta*, traçando um paralelo com o contexto em que a revista foi produzida. Explicitar a imprensa como uma das formas que o historiador tem a sua disposição para compreender o passado. Pontuar a *Careta* enquanto uma das revistas que contribui para o entendimento do processo de modernização do Brasil. (10 minutos);
- Estudo dirigido em grupo do volume 685 da *Careta*²⁹. A turma será dividida em grupos de até 5 alunos que terão à sua disposição (virtualmente) o referido volume da revista. Será proposta uma investigação da fonte através das seguintes perguntas: a) Qual a data de publicação do volume?; b) Quantas páginas tem a edição?; c) Quais conteúdos você observa nas folhas? Do que tratam? Contém alguma assinatura?; d) Quais elementos chamam atenção na leitura da revista? Ao final, os grupos devem registrar por escrito as impressões que tiveram ao longo da pesquisa para compartilhar com a turma (40 minutos).

2) 2º momento: duas aulas de 50 minutos

²⁹ Vale sublinhar que não proponho que os alunos leiam todos os conteúdos da revista. Afinal, isso não é viável e nem mesmo possível em uma aula de 50 minutos. A ideia é que os alunos explorem a fonte através das perguntas que foram colocadas, realizando uma leitura dinâmica do documento.

- Compartilhamento das impressões do estudo dirigido da revista. Observar/questionar se algum grupo se atentou à crônica “Botafogo e os pró-homens” impressa na página dez (30 minutos);
- Projetar a referida página no quadro, questionando aos alunos os elementos que compõe a folha. Chamar especial atenção para a crônica assinada por Lima Barreto (L.B.). Questionar à turma se conhecem/o que sabem do autor e de sua obra (10 minutos);
- Situar os alunos sobre a vida e obra de Lima Barreto. É importante que o/a professor(a) aponte a literatura enquanto fonte histórica (20 minutos);
- Estudo dirigido (com os mesmos grupos formados anteriormente) da crônica “Botafogo e os pró-homens” (disponibilizada em uma folha impressa para cada grupo), realizado com o apoio das seguintes questões: a) Do que trata a crônica?; b) Quais críticas o autor realiza e a quem são dirigidas?; c) O que podemos pensar com o seguinte trecho: “O resto do Rio não existe, mas paga imposto. O Rio é Botafogo; o resto é a cidade indígena, a cidade negra”?; d) É possível estabelecer alguma semelhança com o tempo presente? O/A professor(a) pode disponibilizar dicionários à turma para que possam explorar eventuais dúvidas/curiosidades com o vocabulário do texto. Ao final, os grupos devem registrar por escrito as impressões que tiveram ao longo da pesquisa para compartilhar com a turma (40 minutos).

3) 3º momento: duas aulas de 50 minutos

- Compartilhamento das impressões do estudo dirigido da crônica (30 minutos);
- Leitura coletiva do texto e mediação do/da professor(a) a respeito da conexão entre o conteúdo da crônica e o contexto histórico em que foi produzida – desenvolvimento da República, reformas urbanas e suas consequências para a população carioca (20 minutos);
- Avaliação: elaborar em grupo cartazes reivindicando melhorias para a cidade/bairro em que moram/estudam. A proposta é que os grupos utilizem os cartazes como espaço de denúncia e reivindicação, estabelecendo um paralelo com a crônica investigada. Os cartazes, quando prontos, serão exibidos em um mural da escola (50 minutos).

Por fim, vale sublinhar que essa metodologia torna o processo de aprendizagem mais interativo, complexo e diversificado. Concordo com Engel que a literatura, ao ser mobilizada em sala de aula, constitui “um meio rico e eficaz para construirmos com nossos alunos uma história viva que efetivamente rompa com a imagem da história como um saber inútil e chato” (ENGEL, 2008, p. 10). Soma-se a isso as “possibilidades de aprimoramento da aprendizagem da leitura e da escrita, abrindo-se perspectivas para a construção de parcerias com a área de português e fazendo da disciplina história um lugar também responsável pelo aprofundamento e consolidação do processo de alfabetização dos alunos” (ENGEL, 2008, p. 10)³⁰.

Quanto ao uso da imprensa, Hardalla Valle, Eduardo Arriada e Lisiane Claro destacam “a imprensa como uma rica fonte, por sua proximidade ainda latente com o mundo do discente, bem como pelo olhar crítico que sua utilização proporciona frente a realidade da mídia atual” (VALLE; ARRIADA; CLARO, 2010, p.69). Quando bem conduzido, esse exercício encaminha os alunos para uma reflexão que busca compreender a materialidade da fonte e questionar as intencionalidades da produção e circulação dos periódicos. Essa abordagem “fomenta um novo olhar dos discentes sobre a imprensa atual, fazendo-os observar de maneira crítica seus jornais cotidianos e as informações disseminadas” (VALLE; ARRIADA; CLARO, 2010, p.69).

Entretanto, para serem abordadas em sala – e isso deve ser considerado para todos os tipos de fontes –, é necessário que o/a professor(a) tome os devidos cuidados. Há uma significativa diferença entre o conhecimento histórico produzido na academia e aquele desenvolvido pelos alunos do ensino básico: “dada a grande complexidade do trabalho do historiador, as reflexões históricas produzidas pelos alunos – se são um grande avanço para ele (por serem um exercício de raciocínio histórico, uma fonte de conhecimento sobre um objeto de estudo) –, certamente, não significam um avanço para o conhecimento histórico em si mesmo” (CABRINI, 1994, p.44).

Dessa forma, acredito que essa proposição contribui com um Ensino de História que foge do tradicional. Isso porque acrescenta outra dimensão à aula: os alunos são instigados a pesquisar através das fontes selecionadas pelo/pela professor(a), assumindo uma posição de agentes do saber e não de “depositórios” de conteúdo. E, finalmente, através da crônica

³⁰ Por isso aposto na leitura da crônica tal como foi publicada originalmente: essa escolha coloca os estudantes em contato com uma escrita diferente do português, encaminhando para a reflexão de que até mesmo a grafia das palavras carrega uma historicidade.

“Botafogo e os pró-homens”, é possível estabelecer uma ponte com a realidade concreta vivenciada pelos estudantes nos dias de hoje: será que essa “mania por Botafogo” e essa cidade cindida ficou no passado? Retomando a epígrafe que nomeia o primeiro tópico deste artigo, a leitura de jornais e revistas, bem como das crônicas de Lima Barreto, se mostram, assim, utilíssimas ao Ensino de História.

Fontes

BARRETO, Lima. “O prefeito e o povo”. *Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4.

L.B., “Botafogo e os pró-homens”. *Careta*, 6 de agosto de 1921, p.10.

Careta, edições 613, 645, 656, 663, 665, 670, 671, 672, 683, 685, 693, 701, 705, 710, 727, 731, 736, 737, 740, 741, 745, 746, 1920-1922.

Referências Bibliográficas

ABREU, Mauricio de Almeida. “Da habitação ao hábitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução”. **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, p.210-234, 2003.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BELCHIOR, Pedro. **Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória na experiência de Lima Barreto (1881-1922)**. 186f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2011.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula** – 12. ed., 5ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2020, 69-90.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 4 de junho de 2023.

CABRINI, Conceição [et al.]. **Ensino de História: revisão urgente**. São Paulo: EDUC, 1994.

CAIMI, Flávia Eloisa; OLIVEIRA, Sandra Ferreira Regina de. Vitória da tradição ou resistência da inovação: o Ensino de História entre a BNCC, o PNL D e a Escola. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e77041, 2021, p.1-22.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação da Casa de Rui Barbosa, 1992, p.13-22.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. In: **História em cousas miúdas: capítulos de História Social da crônica no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005, p.9-20.

ENGEL, Magali Gouveia. Literatura e ensino de história. In: ENGEL, Magali Gouveia [et al.]. **Crônicas cariocas e ensino de história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p.35-42.

ENGELS, Friedrich. **Sobre a questão da moradia**. São Paulo: Boitempo, 2015.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de, (Orgs.) **História da imprensa no Brasil – 2ª ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2020, p.84-102.**

FRÊDO, Arthur Camargo. Entre ruas esburacadas, moradias precárias e críticas à prefeitura: experiências dos moradores suburbanos com a modernização carioca pela lente de Lima Barreto (1920-1922). **ORÉ – Revista Discente de Estudos Históricos da UNIRIO**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 69-89, ago. 2022.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas – 2 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010, p.111-153.**

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de, (Orgs.). **História da imprensa no Brasil – 2ª ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2020, p.45-80.**

MENDONÇA, Leandro Climaco. **Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920**. 149f. Dissertação (Mestrado) em História Social – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2011.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação da Casa de Rui Barbosa, 1992, p.75-92.

NOGUEIRA, Clara Miguel Asperti. **Cronistas do Rio: o processo de modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (Kosmos, 1904-1908) e Lima Barreto (Caretta, 1915-1922)**. 286f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

O'DONNELL, Julia Galli. **Um Rio Atlântico**: culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana. 299f. Tese (Doutorado) em Antropologia Social – Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício de poder**: crítica ao senso comum em educação – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Da minha janela vejo o mundo passar: Lima Barreto, o centro e os subúrbios”. **Estudos avançados**, v. 31, n. 91, 2017, p.123-142.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VALLE, Hardalla Santos do; ARRIADA, Eduardo; CLARO, Lisiane. A utilização de fontes no ensino de História: a imprensa na construção do conhecimento. **Momento**, Rio Grande, v. 20 (1), 2010, p.59-72.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

ANEXO A – Crônica “Botafogo e os pró-homens” na folha de publicação original

Caricatura

Botafogo e os pró-homens

De uns tempos a esta parte — e isto só data dos meados da República — tomou-se dos nossos dirigentes e mais magnatas uma vaidade singular: a vaidade de Botafogo e adjacências. O resto do Rio não existe; mas paga imposto. O Rio é Botafogo; o resto é a cidade indígena, a cidade negra.

Não merece a mais simples mirada...

Um cidadão lembra-se que nós não temos um Cantilly, um Epton, um Palermo, isto é, um prado de corridas *comme il faut* — logo elle aventa a idéa do Governo construí-lo, como se fosse cousa de utilidade geral, e concomitantemente indica o local: o Leblon — um areal!

Pobres cavallos! Tão delicados...

Um outro quer um jardim zoológico. O governo deve construí-lo; mas onde? Na rua Voluntarios da Patria. Que idéa! Parece ironia...

Os provincianos que nos dirigem, muito são culpados desse rastacoerismo ultra-bôbo. Quando elles cavam um passe lá nos seus estados e embarcam para o Rio, vêm fascinados, pois já sonharam com Botafogo desde a meninice. Para elles, não ha nada como Botafogo, a não ser Petropolis; e são elles que, nos jornaes e nas suas peças de cordel, exaltam as pulhices botafoganas, affectam desprezo pelos outros bairros, onde quasi proclamam não haver familia, nem moralidade algumas. Verdadeiros «zungas»... Dessa forma, sem querer, elles animam os especuladores a embellezar areiaes á custa dos cofres publicos, organizando uma verdadeira jogatina com os preços dos terrenos das restingas que elles compraram por dez reis de mêl côado.

Os lamentaveis conflictos que se vêm dando entre estudantes e o pessoal da Light, por causa de passagens, para a Praia Vermelha, é uma consequencia dessa bisonha e futil mania por Botafogo.

Uma cabeça de algum senso que não estivesse entupida com phrases de alfarabios soporificos e tivesse uma verdadeira visão e consciencia da responsabilidade da direcção de qualquer cousa, não iria pôr uma escola frequentada por mais de mil rapazes, num recanto afastado da cidade, servido por uma unica linha de bondes, de passagens caras, só porque esse recanto fica para as bandas de Botafogo!

Um estabelecimento, mais ou menos sustentado pelo Estado, em tudo, tem por escopo primordial servir ao maior numero de cidadãos; e a sua situação devia obedecer a esse criterio, o que levaria a ser o seu edificio erguido em lugar o mais central possível da cidade. Entretanto, a botafogana vaidade dos que mandam nessa joça, foram collocal-o numa das portas da metropole, cujo acesso em bondes é relativamente perdido para as bolsas medias, e ninguem protestou. Dahi, os conflicts.

Querem saber de uma cousa? No Brazil, tudo é possível.

Quando a vaidade toca os nossos homens de governo, elles estão dispostos a fazer as maiores tolices.

Ainda devemos dar graças a Deus que tenham posto a Faculdade de Medecina na Praia Vermelha; podiam muito bem edifical-a em Petropolis.

L. B. V.

A BELLEZA DEVE-SE TRATAR COMO A SAUDE

UM BONITO PEITO

foi e será sempre o ornamento o mais formoso da mulher. Qualquer que seja a belleza do rosto, se ella não tem um bonito busto, ella não será jamais um objecto de admiração; os vestidos, os mais elegantes, perderão no seu busto desfavorecido todo o chic. Felizmente hoje, graças aos novos processos, methodo exclusivamente externo, simples e effcaz, toda a mulher ou moça pode transformar inteiramente o seu busto, conseguindo em poucos dias o augmento e rijesa dos seios. Um rosto de cutis verdadeiramente fina, assetinada e sem nenhum defeito, raramente se vê. Porque? Só por não conhecer sufficientemente a natureza da pelle, e o que ella precisa. Muitas mulheres deixam por completo de tratar da pelle, e muitas vezes, ao contrario, a sobrecargam de quaesquer productos, provocando em geral, ou agravando as imperfeções. Para toda imperfeção da epidermide deve-se consultar um especialista de belleza, como se consulta um especialista para diferentes molestias, do organismo.

O especialista Dr. M. Prat, professor do Instituto scientifico d'estetico femenino de Paris, acaba de installar um Gabinete em S. Paulo, onde offerece as suas consultas absolutamente confidenciaes, seja verbalmente ou por correspondencia a toda a mulher ou moça que deseje obter em pouco tempo um busto perfeito, a perfeição do corpo e a belleza do rosto. Tratamento para o emagrecimento local ou geral, extirpação radical e para sempre dos pellos, sardas, manchas, cravos, espinhas e de electro-massagens, electrolisacion, etc.



Consultas de 1 hora ás 6 - Rua Augusto N. 4 - S. Paulo